



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

DIÁLOGO DE SABERES: UMA PROPOSTA ALTERNATIVA À COMUNICAÇÃO RURAL DO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA

Maria Jardenes de Matos (1); Daiana Araújo de Oliveira (1);

Maria do Socorro Moura Rufino (2)

(1) Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Bolsista da Funcap,

E-mail: mariajardenedesmatos@gmail.com

(1) Professora da Educação Básica do Município do Crato, E-mail: araujo.daiana@gmail.com

(2) Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, E-mail:

marisrufino@unilab.edu.br

Resumo: A educação deve ter como objetivo alcançar a satisfação e a felicidade tendo como fundamento a ética da alteridade e não a coisificação da vida. No campo da aprendizagem rural, o conhecimento é repassado aos agricultores de forma sucinta, sem acrescentar laços de compreensão da realidade enxergada e vivida pelo agricultor. Este trabalho visa propor um método para a comunicação do Técnico em Agropecuária diante do trabalho de assistência técnica e extensão rural frente aos agricultores de Assentamentos de Reforma Agrária e Comunidades Rurais. A pesquisa caracteriza-se como pesquisa descritiva, utilizando como técnica padronizada a coleta de dados, através do questionário. Um fato investigado é que todos os agricultores entrevistados nesta pesquisa defendem a necessidade de um tipo de abordagem por parte dos técnicos que estimule a participação deles mais efetivamente. Segundo eles esse tipo de abordagem ajudaria muito o entendimento entre técnicos e agricultores. Numa relação de ensino-aprendizagem, Diálogo de Saberes é a confluência ou o encontro do conhecimento científico, sistematizado, comprovado, aprendido na escola com o conhecimento ou o saber popular adquirido por meio da experiência de vida do agricultor nas diversas dimensões, que expressa o que faz sentido para ele, sua visão de mundo, sua identidade de agricultor.

Palavras-chaves: Diálogo de Saberes, Educação, Agricultura Familiar.

1.INTRODUÇÃO

O princípio de igualdade e oportunidades deve fundamentar as políticas públicas em educação. Faz-se necessário criar novos conteúdos, novos espaços e novas oportunidades de socialização de conhecimentos. Existem diferentes formas de ensino que podem ser classificados como: educação formal, educação informal e educação não-formal.

A educação formal pode ser resumida como aquela que está presente no ensino escolar institucionalizado e a informal como aquela na qual a pessoa adquire e acumula conhecimentos com experiências do dia a dia. A educação não-formal porem pode ser definido como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que normalmente se realiza fora dos quadros do sistema

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



formal de ensino (BIACHINI; CARUZO, 2005). Muitos caminhos podem ser trilhados na construção do conhecimento e a educação não-formal sempre se constituiu e se constitui como uma forma dessa construção, pois tem um enorme potencial a ser explorado, principalmente no que diz respeito à sua capacidade de motivar o aluno para o aprendizado, valorizando suas experiências anteriores e desenvolver sua criatividade. Para que este tipo de educação seja mais valorizado é preciso ressignificar o conhecimento, considerar os diferentes saberes dentro desta nova proposta educacional.

A educação deve ter como objetivo alcançar a satisfação e a felicidade tendo como fundamento a ética da alteridade e não a coisificação da vida. É imperativa a recuperação da solidariedade humana. Devemos levar a seguinte reflexão para a educação: Como será este mundo? Será apenas o resultado de um acúmulo de capital? Para um projeto diferente é necessária a concepção educativa voltada a problematização do homem-mundo, onde o próprio homem frente ao mundo, que estar nele e com ele e sua relação como um ser do trabalho, da ação, com que transforma o mundo (FREIRE, 2002).

No campo da aprendizagem rural, o conhecimento é repassado aos agricultores de forma sucinta, sem acrescentar laços de compreensão da realidade enxergada e vivida pelo agricultor. Na verdade, esse sistema de ensino não busca a história dos indivíduos-sujeitos envolvidos e o ambiente que gestionam, de modo a valorizar seus processos históricos e correlacioná-los e problematizá-los à luz da história da agricultura e das potencialidades e limitações ecológicas e agrícolas do ambiente local para o desencadeamento da experimentação em agroecologia (TARDIN, 2006).

O Diálogo de Saberes constitui uma proposta que visa orientar as relações entre técnicos e agricultores e destes entre si, e vem sendo formulados e organizados a partir da demanda dos movimentos sociais do campo por organizar a produção da existência em bases agroecológicas, como forma de resistência às investidas do agronegócio (TONÁ; GUHUR, 2009).

Este trabalho visa propor um método para a comunicação do Técnico em Agropecuária diante do trabalho de assistência técnica e extensão rural frente aos agricultores de Assentamentos de Reforma Agrária e Comunidades Rurais.

2.METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida junto aos agricultores de Comunidades Rurais e Assentamentos de Reforma Agrária localizados nos municípios de Iguatu, Quixadá e



Quixeramobim. A pesquisa caracteriza-se como pesquisa descritiva, utilizando como técnica padronizada a coleta de dados, através do questionário. Para tanto, foi realizada uma amostragem com 14 agricultores dos três municípios (três em Iguatu, quatro em Quixadá e sete em Quixeramobim), que recebem orientações de Técnicos em Agropecuária. O instrumento utilizado na coleta dos dados era composto de 10 perguntas com respostas objetivas. Com a finalidade de facilitar a compreensão coerente por parte dos agricultores o questionário foi lido de forma que sua linguagem pudesse ser entendida pelo agricultor no momento da aplicação. Os agricultores foram selecionados com base na disponibilidade em responder às perguntas, com sua experiência de comunicação com técnicos das instituições de assistência técnica no município. É importante salientar que esses agricultores são alfabetizados e participam de capacitações sobre agricultura alternativa, pois são acompanhados por Organizações Não Governamentais que tem como eixo temático a agroecologia.

Com o objetivo de confrontar os resultados obtidos na pesquisa com os agricultores foi realizada uma avaliação com oito Técnicos em Agropecuária formados na Escola Agrotécnica Federal de Iguatu (CE) e na Escola Família Agrícola “Santa Ângela” de Pedro II (PI). Para isto, os Técnicos Agrícolas foram entrevistados através de questionários, aplicados pessoalmente ou através de e-mail. Os técnicos foram selecionados com base nos seguintes critérios: todos os técnicos do município que tinham relação comunicativa com agricultores no trabalho de assistência ou orientação técnica, com experiência de pelo menos quatro anos nesta atividade e disponibilidade para responder às perguntas.

Os resultados dos questionários aplicados aos agricultores e técnicos foram tabulados e transformados em percentual para melhor compreensão dos questionamentos.

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1A pesquisa com os agricultores

Esta pesquisa foi realizada no Estado do Ceará e mostra a opinião dos agricultores para com relação à comunicação entre técnicos em agropecuária e agricultores no processo de troca de conhecimento entre os mesmos.

Ela mostra que, entre os agricultores entrevistados, 93% (Quadro 01) acham que a comunicação entre técnicos em agropecuária e agricultores é boa. Quando indagados sobre a metodologia utilizada pelos técnicos, 86% dos agricultores afirmam que ela é facilmente entendida.



Entre os agricultores entrevistados (43%) afirmam que os técnicos ouvem com atenção suas manifestações, enquanto esse mesmo percentual afirma que os técnicos estimulam a participação. Outro aspecto positivo que os agricultores julgam com relação aos técnicos é referente à criação de situações que dê oportunidade, deles estarem expondo suas ideias, 86% dessas pessoas afirmam que os técnicos sempre criam situações que oportunizam a exposição das ideias por parte dos agricultores. Com relação à espontaneidade dos agricultores diante dos técnicos, 43% responderam que se sentem à vontade para expor suas ideias, enquanto 57% afirmam que, às vezes, se sentem à vontade diante dos técnicos.

Segundo a opinião dos agricultores, (36% dos entrevistados), os técnicos não usam um método participativo porque se consideram detentores de todo conhecimento, enquanto 21% afirmam que os técnicos não adotam uma metodologia participativa porque têm pouco conhecimento. Além disso, 43% dos agricultores acreditam que os técnicos não foram preparados para adotar um método participativo como, por exemplo, o “Diálogo de Saberes”. Os resultados estão descritos no quadro abaixo.

Quadro 01 – Percepção dos agricultores diante do trabalho do técnico em Agropecuária, nos municípios de Iguatu, Quixadá e Quixeramobim (CE).

Questões	Respostas		
	Boa	Ruim	Péssima
1. A comunicação entre o técnico em agropecuária e o agricultor é:	93%	7%	0%
	Facilmente entendida	Difícilmente entendida	Não entendida
2. A metodologia utilizada pelos técnicos na abordagem diante dos agricultores é:	86%	14%	0%
	Ouvem com atenção	Estimula sua fala	Dar pouca importância
3. Quando você tenta manifestar sua opinião os técnicos:	43%	43%	14%
	Sempre	Poucas vezes	Nunca
4. Os técnicos criam situações que oportunize aos os agricultores exporem suas ideias:	86%	14%	0%



Continuação

Questões	Respostas		
5. Você se sente a vontade para expor suas ideias diante dos técnicos:	Sempre	Às vezes	Nunca
	43%	57%	0%
6. Os motivos pelos quais os técnicos não usam um método participativo (diálogo de saberes) são:	São detentores de todo conhecimento	Tem pouco conhecimento	Não foram preparados para adotar o Diálogo de Saberes
	36%	21%	43%
7. As orientações técnicas prestadas pelos técnicos para melhorar a produtividade em sua propriedade são:	Adequadas	Pouco adequadas	Inadequadas
	86%	7%	7%
8. Quando você recebe alguma orientação por parte dos técnicos você:	Sempre segue essas orientações	Às vezes segue essas orientações	Nunca segue essas orientações
	50%	43%	7%
9. Você acha que um tipo de abordagem que estimulasse a participação do agricultor:	Ajudaria muito o entendimento	Pouco ajudaria o entendimento	Não ajudaria o entendimento
	100%	0%	0%
10. Com relação às questões práticas do cotidiano, o técnico cria situações que permita juntar questões teóricas com questões práticas:	Sempre	Às vezes	Nunca
	50%	50%	0%

Outro tema exposto pelos agricultores diz respeito à adequabilidade das orientações técnicas compartilhadas com os técnicos. Diante disso, 86% dos agricultores consideram que as orientações técnicas prestadas são adequadas aos modos de produção dos agricultores, enquanto, apenas 7% falaram que elas são pouco adequadas ou inadequadas. Além disso, 50% afirmam que sempre seguem as orientações dos técnicos, por outro lado, 43% afirmam que, às vezes, seguem essas orientações. Um percentual de 7% respondeu que nunca segue as orientações recomendadas.

Um fato interessante investigado diante desse grupo é que todos os agricultores entrevistados, nessa pesquisa, defendem a necessidade de um tipo de abordagem por parte dos



técnicos que estimule a participação dos agricultores. Segundo esse grupo, esse tipo de abordagem ajudaria muito o entendimento entre técnicos e agricultores. Em relação às questões práticas do cotidiano, 50% dos agricultores acreditam que os técnicos sempre conseguem criar situações que permitam juntar o conhecimento prático com o teórico.

3.2 A pesquisa com os técnicos

No sentido de confrontar a opinião dos agricultores e técnicos com relação à qualidade da assessoria técnica, foram realizadas entrevistas com oito Técnicos em Agropecuária formados na Escola Agrotécnica Federal do Iguatu (CE) e na Escola Família Agrícola “Santa Ângela” de Pedro II (PI).

Todos os técnicos entrevistados afirmam que sua abordagem diante dos agricultores é boa (Quadro 02). Já com relação à preparação que receberam em suas escolas de origem, para lidar com agricultores, 50% afirmam que foi boa, 12,5% afirmam que foi regular, enquanto 37% dos entrevistados afirmam que foi ruim. Com relação à forma como os técnicos se comunicam com os agricultores 65% dos técnicos acreditam que ela é sempre entendida pelos agricultores, 35% afirmam que ela é muitas vezes entendida.

Com relação à sua atuação profissional como Técnico em agropecuária diante do agricultor, 12,5% deles se acham bem preparados, 37% se acham pouco preparados, 12,5% afirmam que se acham mal preparados. Com relação à participação, 50% dos técnicos dizem que sempre adotam uma postura participativa diante dos agricultores, 37,5% declaram que apenas, às vezes, adotam essa postura, 12,5% admitem que raramente trabalham dessa forma. Apesar disso, todos os técnicos entrevistados admitem a necessidade de se adotar um tipo de abordagem que estimule a participação do agricultor. Além disso, 25% afirmam que sempre criam situações que estimulam a criatividade dos agricultores, enquanto 75% afirmam que às vezes criam situações dessa forma. Observe o grupo abaixo:

Quadro 02 – Percepção dos Técnicos em Agropecuária formados na Escola Agrotécnica Federal do Iguatu (CE) e na Escola Família Agrícola “Santa Ângela” de Pedro II (PI) com relação à formação e o trabalho junto ao agricultor.

Questões	Boa	Regular	Ruim	Péssima
1. Você acha que sua abordagem com Técnico em Agropecuária diante do agricultor é:	100%	0%	0%	0%



Continuação

Questões	Boa	Regular	Ruim	Péssima
2. Você acha que a preparação que você recebeu na escola agrícola durante sua formação de Técnico em Agropecuária para lidar com o agricultor familiar foi:	50%	12,5%	37,5%	0%
3. A formação que você recebeu na Escola Agrícola e sua adequação à agricultura familiar foi:	37,5%	25%	37,5%	0%
4. Você acha que a forma como você se comunica com os agricultores é:	Sempre entendida	Muitas vezes entendida	Poucas vezes entendida	Nunca entendida
	65%	35%	0%	0%
5. Com relação a sua atuação técnica diante do agricultor você se sente:	Bem preparado	Satisfatoriamente preparado	Pouco preparado	Mal preparado
	12,5%	37,5%	37,5%	12,5%
6. Na sua atuação técnica diante do agricultor você acha que adota uma postura participativa:	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca
	50%	37,5%	12,5%	0%
7. Você cria situação que estimula a criatividade dos agricultores:	25%	75%	0%	0%
8. Você ouve com atenção a fala dos agricultores quando eles explanam suas opiniões sobre determinada situação:	100%	0%	0%	0%
9. Quando os agricultores se manifestam sobre algum aspecto do processo produtivo você:	Entende facilmente	Tem dificuldade para entender	Raramente entende	Nunca entende
	87,5%	0%	12,5%	0%
10. Na sua atuação como Técnico Agrícola você acha necessário adotar um tipo de abordagem que estimule a participação do agricultor:	Sim	Não	Às vezes	Não faz diferença
	100%	0%	0%	0%



Continuação

Questões	Boa	Regular	Ruim	Péssima
11. Com relação ao Diálogo de Saberes proposto pelo educador Paulo Freire você:	Entende bem o assunto	Sabe do que se trata	Tem vaga ideia	Não sabe do que se trata
	0%	37,5%	37,5%	25%

Quando os agricultores se manifestam sobre algum aspecto do processo de produção, 87,5% dos técnicos afirmam que entende facilmente, enquanto 12,5% afirmam que raramente entende. Quando indagados sobre a pedagogia do “Diálogo de Saberes” proposta pelo educador Paulo Freire, 37,5% dos técnicos afirmam que apenas sabe do que se trata, 37,5% afirmam que tem uma vaga ideia e 25% afirmam que não sabem do que se trata.

Considerando que a matriz curricular do curso técnico é direcionada para o agronegócio, isso não implica dizer que esse técnico não irá trabalhar ou precisar lidar com a agricultura familiar e a agroecologia que estão mais identificadas com os agricultores, era esperado que houvesse uma grande dificuldade na relação entre os atores sociais, ou seja, reforçar a ideia de que a comunicação entre Técnicos em Agropecuária e famílias agricultoras tivesse um resultado negativo; que a maioria dos agricultores afirmasse que a comunicação estaria ruim. No entanto, os resultados síntese dos dois questionários apontam para uma boa comunicação entre técnicos e agricultores, 100% e 93%, respectivamente (Quadro 01 e 02).

A confiança dos agricultores (43%) em relação aos técnicos é um fator que contribui para a incerteza na adoção de novas práticas agrícola, bem como o sucesso na manutenção e incremento na produção. Há um longo caminho a percorrer nas estratégias participativas para ampliarmos os horizontes de comunicação com a Sociedade Civil e, em especial, com a realidade vivida no campo, que por longos anos foram excluídos dos processos de desenvolvimento rural.

Outro aspecto negativo no trabalho de extensão do técnico é com relação à espontaneidade dos agricultores diante destes, 43% responderam que se sentem à vontade para expor suas ideias, enquanto 57% afirmam que, às vezes, se sentem à vontade diante dos técnicos, concluímos que mesmo havendo uma boa interação entre ambos, o percentual de troca e aproveitamento da experiência do agricultor não é considerado na atividade do técnico.

A pesquisa indica também, que os técnicos não usam um método participativo porque são detentores de todo conhecimento (36% dos entrevistados), enquanto que, 21% afirmam que os técnicos não adotam uma metodologia participativa porque têm pouco conhecimento, parece um



paradoxo, primeiro tem a posse do conhecimento e desconhecem a forma mais adequada de fazer chegar até o “educando”. A conclusão é finalizada pelo percentual de 43% dos agricultores que acreditam que os técnicos não foram preparados para adotar um método participativo como, por exemplo, o “Diálogo de Saberes”.

A pesquisa permite concluir que a formação desses profissionais não se adequa as necessidades de pequenos agricultores, que são detentores de conhecimentos adquiridos ao longo de muitas gerações. Nesse ponto há de ser enfatizado que o conhecimento dessas famílias agricultoras não se construiu em uma determinada situação (experiência), como faz a pesquisa científica, mas através de experiências que foram repetidas por várias gerações de seus antepassados. Quando o saber autóctone desses personagens é desprezado, as consequências negativas são bastante evidentes.

Todos os técnicos entrevistados nesta pesquisa afirmam que ouvem com atenção as explicações dos agricultores diante de situações do dia a dia. A respeito disso, Andrade (2010), enfatiza que no Diálogo de Saberes permite-se que o agricultor assuma o protagonismo de seu processo histórico, tendo um papel ativo na transformação de sua realidade, buscando atuar e se responsabilizar pelo seu desenvolvimento, de modo cada vez mais autônomo. Uma relação recíproca e dialógica pressupõe a prática do “saber ouvir”, estimular o outro a falar, a opinar, a participar igualmente, como também a disposição de aprender com o outro quando desafiado.

Quanto às escolas que formam os profissionais da área agrícola pode-se afirmar que estas estão voltadas para o capitalismo e investem naquilo que é lucrativo, ou seja, as pesquisas são voltadas para agricultura industrial e/ou de exportação. Além disso, aspectos relacionados ao corpo docente dessas instituições também não podem ser esquecidos. Isto não é surpresa e pode ser facilmente concluído nas palavras de Rubega (2000):

"A falta de políticas educacionais nessa área, a deterioração dos salários dos professores e o abandono dos laboratórios e equipamentos, por falta de verbas para manutenção e modernização, transformaram as escolas técnicas públicas em cursos preparatórios muito mais para o ensino superior do que para o trabalho."

Nesta pesquisa, a metade dos Técnicos Agrícolas entrevistados acredita que a preparação que obtiveram em suas escolas de origem para lidar com agricultura familiar foi boa, mas não se pode esquecer que uma alta proporção deles (37%), afirma estarem mal preparados para lidar com a agricultura familiar. Nesse ponto quando uma grande parte dos técnicos afirma que sua preparação foi boa, é possível que ele esteja se sentindo no dever de defender a qualidade de suas escolas de origem e assim também estaria afirmando que é um profissional preparado. Com relação àqueles



que afirmam que foram mal preparados, parece que estes estão assumindo por si só que são mal preparados, ou seja, como se sua escola se furtasse da culpa de sua má preparação.

Corroboramos com o pensamento de Oliveira (2000), quando propõe e defende uma educação técnica que “alie cultura e produção, ciência e técnica, atividade intelectual e atividade manual; que seja fundada nos processos educativos da prática em que o trabalho como centro produtivo e reprodutivo da existência humana material e sociocultural aparece como propriedade fundamental”.

Quando se afirma que o perfil profissional dos Técnicos em Agropecuária diante do tipo de demanda das famílias não se adequa ao trabalho com famílias agricultoras, estamos dizendo que as matrizes curriculares das escolas não contem temas que estejam ligados efetivamente à agricultura familiar. No entanto, sabe-se que o perfil do técnico tem melhorado muito, mas por conta dos seus próprios esforços do que por conta de uma preocupação das escolas de atender a essas necessidades.

3.3 O Diálogo de Saberes como proposta de abordagem do Técnico em Agropecuária

Diante do exposto ao longo desse trabalho, torna-se urgente e necessário a criação de novas formas de relação com agricultoras e agricultores, além de uma proposta tecnológica para a agricultura, incluindo as relações agricultor ↔ consumidor e produção ↔ ecologia, bem como, repensar a prática social da produção de alimentos. Quando pensamos num modelo de agricultura que envolve toda essa cadeia, estamos diante do modelo de produção agroecológica.

O sistema agroecológico de acordo com o Relatório de Brundtland (1991), é um dos diversos modelos que permite a produção de alimentos naturais, que são produzidos, de maneira ambientalmente correta, equilibrada e sustentável, socialmente justo, culturalmente aceito e economicamente viável, sendo este modelo motivado pela mudança nos hábitos alimentares dos consumidores, que por sinal, vem crescendo nos últimos anos.

No âmbito da Extensão Rural, podemos dizer que Paulo Freire foi um dos precursores em problematizar essa temática, em sua obra “Extensão ou Comunicação?”, publicado em 1979, no sentido de orientar a relação entre o técnico e o agricultor, onde todos os sujeitos são educandos e educadores. Numa relação de ensino–aprendizagem, Diálogo de Saberes é a confluência ou o encontro do conhecimento científico, sistematizado, comprovado, aprendido na escola com o conhecimento ou o saber popular adquirido por meio da experiência de vida do agricultor nas diversas dimensões, que expressa o que faz sentido para ele, sua visão de mundo, sua identidade de agricultor.



O Diálogo de Saberes representa um eixo central nos programas de formação dos movimentos sociais, em especial dos cursos de Agroecologia. Os educandos consideram que têm conseguido relacionar bem as aulas que participam no tempo Escola com a prática do tempo Comunidade, utilizando-as como bases teóricas para enriquecerem os diálogos realizados durante o exercício do método (WALGER, 2010).

O trabalho do técnico usando o Diálogo de Saberes possibilita um grande esforço e aprendizagem no que se refere ao conhecimento técnico e do próprio Diálogo de Saberes, pois aquele que o realiza tem a oportunidade de conhecer o cotidiano da família, a sua vivência. Através desse método, temos um dos caminhos para a implementação da agroecologia (QUEIROZ, 2009).

É imprudente afirmar através desta pesquisa quaisquer conclusões mais profundas. Para isto sente-se a necessidade de uma pesquisa mais detalhada, envolvendo um maior número de técnicos e agricultores, além de outros atores sociais envolvidos como, por exemplo, os professores das Escolas Técnicas. Por isso, esta pesquisa sinaliza a necessidade de uma mudança comportamental urgente por parte das Escolas Agrícolas e dos Técnicos em Agropecuária, culminando com a atualização dos currículos.

4. CONCLUSÕES

O entendimento entre Técnicos em Agropecuária e agricultores apesar de ter melhorado nos últimos anos, ainda se sente a necessidade de avançar, boa parte dos técnicos entrevistados nesta pesquisa está pouco preparada para lidar com questões referentes a agricultura familiar. Percebesse que é consenso entre técnicos e agricultores entrevistados que existe a necessidade de se adotar um método mais participativo na abordagem diante das famílias agricultoras.

Os técnicos entrevistados não entendem ou não sabem do que se trata o “Diálogo de Saberes”, como método participativo no trabalho de comunicação rural. É claro a necessidade de uma nova postura dos agentes de desenvolvimento rural em comunidade e assentamentos rurais, onde a pesquisa aponta para uma proposta de método participativo, com a integração dos diversos agentes locais.

Portanto, o Diálogo de Saberes no trabalho do técnico em agropecuária permitirá uma nova abordagem para melhorar e facilitar a comunicação rural, onde a mesma emerge da necessidade e o contexto local das famílias agricultoras. O Diálogo de Saberes possibilita uma intervenção nos agroecossistemas familiares, já que essa proposta metodológica garante um resgate histórico da família, identificação das práticas de manejo, itinerário técnico e mapa da biodiversidade local,



onde esse estudo facilitará para o técnico entender a realidade da família e assim, virá a promover algumas mudanças no sentido produtivo, social, ambiental na unidade familiar.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. R. Notas para discussão sobre diálogo de saberes: experiências inovadoras no Ensino de ATER. **2º Seminário Nacional de Ensino em Extensão Rural**, Santa Maria, 2010.

BIACHINI, M. L.; CARUZO, F. Apresentação educação não formal. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 4, p. 20, 2005.

BRUNDTLAND, G. H. **Nosso futuro comum**: comissão mundial sobre meio ambiente e desenvolvimento. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991. 430 p.

FREIRE, P. **Ação como prática da liberdade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 150 p.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 136 p.

OLIVEIRA, M. R. N. S. Mudanças no mundo do trabalho: acertos e desacertos na proposta curricular para o ensino médio (Res. CNE 03/98). Diferenças entre formação técnica e tecnológica. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 70, p. 40–62, 2000.

RUBEGA, C. C. **A reforma da Educação Profissional de Nível Médio e a formação do Técnico em Química**: retrospectiva e perspectiva de uma profissão. 2000. 269 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Unicamp, 2000.

TARDIM, J. M. **Considerações sobre o Diálogo de Saberes**. Lapa: Escola Latino-Americana de Agroecologia, 2006.

TONÁ, N.; GUHUR, D. M. P. O Diálogo de Saberes na promoção da agroecologia na base dos movimentos sociais populares. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Cruz Alta, V. 4, n. 2, p. 3322–3325, 2009.

WALGER, E. C. C. **A prática do diálogo de saberes da turma resistência camponesa da Escola Latinoamericana de Agroecologia**. 2010. 58 f. Monografia (Graduação em Agroecologia) - Instituto Federal do Paraná. Lapa, 2010.

QUEIROZ, J. G. **Uma síntese do exercício de diálogo de saberes no agroecossistema de Isoleide e Eduardo no Assentamento Olga Benário em Santa Tereza do Oeste-PR**. 2009, 78 f. Monografia (Graduação em Agroecologia) – Instituto Federal do Paraná, Lapa, 2009.